

## REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICAS DE MULHERES TRANS SOBRE A TRANSEXUALIDADE NO CONTEXTO CEARENSE

### LINGUISTIC REPRESENTATIONS OF TRANS WOMEN ABOUT TRANSSEXUALITY IN THE CONTEXT OF CEARÁ

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p83-110

Antonio Soares da Silva Júnior<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a representação linguística de mulheres transexuais cearenses sobre a transexualidade feminina. Para gerar e coletar dados, utilizei a etnografia online (ANDROUTSOPOULOS, 2008) através de entrevistas semiestruturadas. Na análise, as escolhas léxico-gramaticais foram consideradas à luz do sistema de transitividade da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e da categoria de Inclusão da Teoria de Representação de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008). A análise indica que a experiência transexual das participantes está relacionada, principalmente ao mundo mental do ‘sentir’ e que as participantes utilizaram assimilações e classificações para se autorrepresentarem como participantes ativas em diversas situações.

**Palavras-chave:** Transexualidade feminina; Representação; Etnografia online; Sistema de Transitividade; Representação de Atores Sociais.

**Abstract:** This article aims to analyze the linguistic representation of transsexual women from Ceará about the female transsexuality. To generate and collect data, I used online ethnography (ANDROUTSOPOULOS, 2008) through semi-structured interviews. In the analysis, the lexical-grammatical choices were considered in the light of the system of transitivity of the Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) and the category of Inclusion of the Theory of Representation of Social Actors (VAN LEEUWEN, 2008). The analysis indicates that the transsexual experience of the participants is mainly related to the mental world of 'feeling' and that the participants used assimilations and classifications to represent themselves as active participants in different situations.

**Keywords:** Female transsexuality Representation; Online Ethnography; System of transitivity; Representation of Social Actors.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (PPG-LA / UNICAMP). Professor substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – *Campus* Tianguá. E-mail: [silva\\_jnior@yahoo.com](mailto:silva_jnior@yahoo.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6548-2018>.

No Brasil, preconceitos são construídos em relação a várias populações minoritárias, principalmente a população trans<sup>2</sup>, historicamente mantida à margem da sociedade, o que contribui para que o Brasil lidere o *ranking* de assassinatos de pessoas desta população<sup>3</sup>. Como prova disso, a rede europeia *Transgender Europe*, com o projeto *Trans Murder Monitoring* (TMM), que monitora, coleta e analisa sistematicamente relatórios de homicídios de pessoas trans em todo o mundo, contabilizou, a partir de dados coletados pela mídia e pela própria rede europeia, o total de 331 casos de assassinatos de pessoas trans entre 1 de outubro de 2018 e 30 de setembro de 2019. A maioria dos assassinatos ocorreu no Brasil (130), no México (63) e nos Estados Unidos. (30), totalizando 3314 casos relatados em 74 países em todo o mundo entre 1º de janeiro de 2008 e 30 de setembro de 2019 (TGEU, 2019)<sup>4</sup>.

Contudo, o número de ocorrências desse tipo pode ser ainda maior, devido ao elevado índice de subnotificações. Mesmo que tais dados não sejam sistematicamente produzidos, o Brasil ocupou o primeiro lugar nos relatórios desta rede em 2015/ 2016 e 2016/2017, sendo que teve 136 (entre 2015 e 2016) e 171 mortes (entre 2016 e 2017). São esses dados que o fazem ser o país que, como já indiquei, mais mata, no mundo, a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e pessoas *Queer*<sup>5</sup> (doravante LGBTQ+<sup>6</sup>), especialmente, o que mais mata as mulheres trans.

Em 2021, de acordo com o Grupo Gay da Bahia (2021), o Nordeste lidera o *ranking* nacional de homicídios de suicídios de pessoas LGBTQ+. 35% dos casos aconteceram no

---

<sup>2</sup> Usarei o termo ‘trans’ para fazer referência a todas as pessoas que elegeram uma identidade ou expressão de gênero diferente da atribuída ao nascer, que não se identificam com o gênero social masculino ou que reivindique o reconhecimento social e legal para o gênero feminino (BENTO, 2008), mesmo lhes tendo sido atribuído o sexo biológico masculino –, incluindo transexuais, transgêneros, travestis, *cross dressers*, não gêneros, multigêneros, de gênero fluído, gênero *queer* e outras autodenominações relacionadas (SUESS, 2010). Apesar de utilizar o termo guarda-chuva ‘trans’ para contemplar todas estas autodenominações neste artigo, as participantes desta pesquisa se autodeclararam como ‘mulheres transexuais’.

<sup>3</sup> Ressalto de antemão que este artigo é apenas um recorte de uma pesquisa maior sobre as representações linguístico-discursivas de mulheres trans sobre a transexualidade no voleibol em Fortaleza – Ceará. Aqui apresento narrativas de vida de mulheres trans e que praticam voleibol em Fortaleza, capital do Ceará.

<sup>4</sup> Desde julho de 2009, a *Transgender Europe* publica duas ou até três atualizações por ano dos resultados obtidos no *Trans Murder Monitoring*. As atualizações são publicadas na forma de relatórios, listas de nomes, gráficos e mapas. Para mais detalhes: <https://transrespect.org/es/trans-murder-monitoring/tmm-resources/>

<sup>5</sup> *Queer* é um termo guarda-chuva utilizado para designar minorias sexuais e de gênero que não são heterossexuais ou cisgênero (ver nota de rodapé 8). O termo foi originalmente usado de forma pejorativa contra aquelas pessoas com desejos pelo mesmo sexo, mas, a partir do final da década de 1980, estudiosos e ativistas queer começaram a recuperar a palavra e utilizá-la de forma positiva (BENTO, 2008). De acordo com Bento (2008), queer significa ‘veado’, ‘bicha louca’ etc.

<sup>6</sup> O sinal ‘+’ denota todas as outras possíveis categorias no espectro de gênero e sexualidade que as letras LGBTQ não descrevem, como pessoas assexuadas, agêneras, pangêneras, gênero fluído e intersexuais.

Nordeste (GGB, 2021). Vale a pena ressaltar, como já mencionado, a grande subnotificação dos casos.

Além da violência física, as mulheres trans, muitas vezes, são impedidas de adequarem seus corpos e suas vidas de acordo com sua identidade de gênero, o que desencadeia problemas psicológicos e sociais. Essa marginalização coloca mulheres trans em violentos espaços de exclusão e de discriminação, inviabilizando seu acesso ao mercado de trabalho, ao espaço educacional (escolas, universidade etc.) e ao contexto desportivo. Este é o contexto que as participantes desta pesquisa estão inseridas. Dessa forma, as escolhas léxico-gramaticais são influenciadas a partir dessas vivências e narrativas desportivas.

O esporte é um desses espaços sociais que é marcado pela cisgeneridade<sup>7</sup> e pela binaridade sexual: macho/fêmea. Isto quer dizer que é uma prática social sexuada, generificada e generificadora, dividida entre as categorias binárias de identidade de gênero ‘homem/masculino’ e ‘mulher/feminino’ (ANJOS; GOELLNER, 2017). Em tese, o esporte é uma atividade social que deveria prezar pela inclusão e oferecer inúmeros benefícios físicos e sociais aos seus praticantes. Isto ocorre com a população cisgênera (doravante cis). Para este grupo privilegiado, o esporte é uma das inúmeras formas de atividade física que trazem saúde e possibilitam a inclusão social. Porém, para grupos sociais marginalizados, como a comunidade trans, na maioria das vezes, o esporte é mais um espaço negado. Assim, as pessoas trans nesse contexto são apresentadas como anormais, desviantes e abjetas (BUTLER, 2003), porque rompem/tensionam a ordem binária (naipes masculino e feminino) do sistema desportivo (ANJOS; GOELLNER, 2017).

Neste e em qualquer outro contexto, o discurso constrói o papel social desse grupo e constrói um lugar para estes sujeitos, o local das mulheres trans. É no e pelo discurso que as oposições binárias de gênero são reforçadas no contexto desportivo. Desta forma, é através do discurso, dentre outras dimensões da prática social, que (re)produzimos identidades e que produzimos lugares e papéis sociais dessas pessoas. São essas identidades e esses lugares que sustentam os aspectos ideológicos e hegemônicos nesse contexto, e contribuem para a manutenção de assimetrias de poder e nas produções de sentido do que é ou não ‘ser mulher’.

As experiências, emoções, necessidades e dificuldades das pessoas trans em relação ao contexto desportivo ou qualquer outro contexto ainda permanecem pouco pesquisadas e pouco

---

<sup>7</sup> Em linhas gerais, cisgêneras são pessoas que foram designadas com um sexo biológico ao nascer e se identificam com ele quanto a seu gênero. Além disso, cisgênero é o indivíduo que tem sua identidade de gênero respeitada e legitimada pela sociedade e Estado desde o nascimento (BENTO, 2008).

compreendidas. Além disso, há escassez de pesquisas que tratem sobre narrativas das próprias mulheres trans na voz das próprias mulheres trans sobre a sua transexualidade ou sobre os seus processos transexuais em diversos contextos (BENTO, 2008).

Diante disto, por visar discutir sobre tais lacunas e discutir academicamente como pessoas trans constroem léxico-gramaticalmente a representação da sua transexualidade e seu papel social no mundo, assim como estas devem e podem ocupar espaços desportivos ou outros espaços que lhes foram negados, este artigo apresenta parte de uma pesquisa de cunho etnográfico que investigou como as mulheres trans se autorrepresentam e, conseqüentemente, representam sua transexualidade desde seu entendimento como pessoa trans, assim como o seu papel social no contexto cearense por meio de análise microlinguística à luz da Linguística Sistêmico-Funcional e macrolinguística à luz da Teoria de Representação dos Atores Sociais (TRAS), já que uma análise macrolinguística se torna mais eficiente se associada a uma análise microlinguística (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MELO, 2013).

Na próxima seção, discuto sobre os aspectos teórico-metodológicos utilizados nesta pesquisa.

## **1 A Linguística Sistêmico-Funcional e o sistema de transitividade**

A Linguística Sistêmico-Funcional é uma teoria sociossemiótica, pois entende que os significados são construídos (semiótica) em sociedade (social). Logo, vê a língua como um potencial principalmente de significados, sem deixar de ser também um potencial de recursos de formas (léxico e gramática) e meios de expressão (fonemas, alofones, grafemas), à disposição dos falantes<sup>8</sup> para satisfazerem as suas necessidades de representar suas experiências cotidianas, de se relacionar com outros falantes e de fazê-lo de modo organizado em textos.

Por ter como objetivo principal estudar a língua nas situações cotidianas de interação, a LSF sempre considera como unidade de análise o texto, seja falado ou escrito, construído por pessoas reais (BLOOR; BLOOR, 2004). Para a abordagem sistêmico-funcional, há uma relação dinâmica entre texto e contexto: pelo contexto, se prevê o texto; e pelo texto, se deduz o contexto.

Um texto ocorre em dois contextos, um contém o outro: o contexto de cultura e o contexto de situação. O mais amplo, o contexto de cultura, para Halliday (1999) são os estilos de vidas tradicionais, crenças e valores de uma comunidade, ou seja, todos os significados que

---

<sup>8</sup> No âmbito deste artigo, ‘falante’ também contempla ‘escritor’.

fazem sentido dentro de determinada sociedade. Dentro do contexto de cultura, falantes constroem seus textos em contextos imediatos ou locais, conhecidos como contextos de situação.

Em termos gerais, o contexto de situação é a atividade social que está acontecendo na comunicação / uso da língua. (HALLIDAY, 1999). Tal definição aponta para o fato de que o contexto de situação é determinado por variáveis (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), que são: ‘campo’– o evento social que está acontecendo, o assunto tratado e o objetivo comunicativo; ‘relações’– os participantes no evento e a natureza da ligação entre eles (poder simétrico ou assimétrico, afeto tendente a mínimo ou a máximo, duração da ligação tendente a mínimo ou a máximo); e ‘modo’– o meio (falado ou escrito), o canal (fônico ou gráfico), o papel da língua (constitutivo ou ancilar) e o modo retórico (narrativo, descritivo, dissertativo, exortativo, didático etc.).

Halliday e Matthiessen (2014, p. 25) destacam que a língua é um sistema sociosemiótico complexo, com vários níveis ou estratos. Para Hasan e Perrett (1994) os contextos são os estratos externos. Internamente, a língua é organizada em quatro estratos: semântica, léxico-gramática, fonologia e fonética. Mas esses quatro estratos são agrupados em dois: o plano de conteúdo e o plano de expressão” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014. p. 26).

Como indiquei, o estrato do contexto de situação é definido por três variáveis. Para viabilizar a descrição da relação língua - contexto, os estratos da semântica e da léxico-gramática são também tripartites. Na semântica, há três tipos gerais de significados que se constituem nas funções universais da linguagem verbal ou metafunções, as quais são as coisas que as línguas nos permitem fazer: compreender/interpretar e representar, de modo subjetivo, as experiências humanas cotidianas (metafunção ideacional-experiencial) e agrupá-las em complexos de experiências (metafunção ideacional-lógica); fazer trocas de commodities com os outros falantes, o que nos leva a desempenharmos os papéis discursivos sociais de dar e demandar informações (declarar e perguntar) e dar e demandar bens & serviços (ofertar e comandar) (metafunção interpessoal-negociação), e constituir-se identitariamente (metafunção interpessoal-avaliatividade); e organizar o que é dito ou escrito em textos (metafunção textual). Assim, cada enunciado desempenha um papel ideacional, um papel interpessoal e um papel textual de forma concomitante, a lexicogramática pode ser interpretada e analisada, na ordem da oração, sob três diferentes perspectivas: oração como representação (ideacional-experiencial), como troca (interpessoal-negociação) e como mensagem (textual).

Tendo em vista que a temática do estudo ora diz respeito a representações de mulheres trans em textos instanciadores do discurso das próprias, a análise se restringirá à metafunção ideacional, no seu aspecto experiencial. Portanto, serão as categorias concernentes ao sistema de transitividade na léxico-gramática que serão utilizadas.

Para a LSF, as experiências representadas podem se referir ao domínio externo relativo ao fazer/acontecer, ser/estar/ter, dizer, existir e comportar-se ou ao domínio interno da cognição, percepção, dos sentimentos e do desejo. Os constituintes funcionais da oração como representação são os seguintes: o evento da experiência ou processo, realizado por grupos verbais; os participantes – envolvidos no processo – ou seja, quem faz o quê a quem –, realizados por grupos nominais; e as circunstâncias nas quais o processo se desenrola – isto é, o como/quando/onde etc. –, realizadas por grupos adverbiais e frases preposicionadas. A configuração formada por esses constituintes funcionais é chamada de ‘figura’ e os constituintes são seus elementos.

Halliday e Matthiessen (2014) apontam que as representações linguísticas das experiências constroem figuras de seis tipos diferentes, com cada tipo de processo tendo seus próprios tipos de participantes. Há três processos principais: materiais, mentais e relacionais. Nas fronteiras entre esses processos, há outros secundários: existenciais, verbais e relacionais. De modo geral, pode-se dizer que os processos materiais são processos do fazer, acontecer; os mentais, do sentir, desejar, perceber e saber; e os relacionais, do ser, estar e ter. Quanto aos secundários, os verbais são processos do dizer, falar; os existenciais, do existir; e os comportamentais, do comportar-se.

Os processos materiais são responsáveis por codificar a experiência do mundo externo, físico e perceptível, ou seja, representam linguisticamente as percepções das mudanças concretas de mundo (CUNHA; SOUZA, 2007). Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que tais mudanças são provocadas por um participante principal – o Ator –, a partir do qual o processo material se desenrola. Outros participantes desse tipo de processo são: a Meta, para quem ou o quê o processo é direcionado, sendo diretamente afetado; o Escopo, para quem ou o quê o processo também pode ser direcionado, mas não é afetado pela mudança no fluxo do evento; e o participante Beneficiário, que se beneficia, de forma positiva ou negativa, da ação do processo material.

Os processos mentais semiotizam as percepções do mundo interior, ou seja, “são processos que se referem à experiência do mundo de nossa consciência” (FUZER; CABRAL, p. 54). De acordo com Cunha e Souza (2007, p. 58), “os processos mentais respondem à

pergunta o que você sente, pensa ou sabe sobre x?”. Seus participantes são o Experienciador, aquele que sente, pensa, deseja ou percebe - considerado como participante principal -, e o Fenômeno, aquilo que é sentido, pensado, desejado ou percebido, considerado como participante opcional. Fuzer e Cabral (2014, p. 54) afirmam que o Experienciador “é tipicamente humano ou coletivo humano”, já que sente, pensa, deseja ou percebe algo ou algum fato.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 259), há processos que servem para “caracterizar ou identificar” os participantes: os relacionais. Fuzer e Cabral (2014, p. 65) afirmam que “as orações relacionais são comumente usadas para representar seres no mundo em termos de suas características”, possibilitando a descrição e a identificação de coisas/ fenômenos/ pessoas. Os relacionais promovem uma associação entre uma entidade e outra, através de uma conexão estabelecida entre dois participantes. Este tipo de processo pode ser classificado como atributivos e identificativos.

Os participantes das orações relacionais atributivas são: Portador – participante que recebe uma característica; e Atributo – característica dada ao Portador. Já as orações relacionais identificativas possuem dois outros participantes: Identificado – participante que recebe uma identificação; e o Identificador – a identidade designada ao Identificado.

Os processos verbais expressam linguisticamente as experiências do dizer e do falar. Halliday e Matthiessen (2014) admitem que esse tipo de processo é um grande recurso em vários tipos de gênero. As orações verbais, assim como os outros tipos de oração, têm seus participantes prototípicos, que são: Dizente - aquele que diz ou fala -, Verbiagem - aquilo que é dito ou falado -, Receptor - participante a quem é dirigida a Verbiagem -, e Alvo - participante sobre quem se diz ou fala.

Halliday e Matthiessen (2014) definem os processos existenciais como aqueles que representam linguisticamente algo que existe ou que acontece. Em língua portuguesa, o “verbo típico” é “haver” em sentido de existir (FUZER; CABRAL, 2014). Estes processos apresentam, do ponto de vista da transitividade, apenas um participante, o Existente (aquele ou aquilo que existe a partir do processo).

Por fim, os processos comportamentais, que estão situados entre os materiais e mentais representam linguisticamente os comportamentos inerentemente humanos. O próprio Halliday, em Halliday e Matthiessen (2014, p. 301), admite que os processos comportamentais são “menos distintos de todos os seis tipos de processo porque não possuem características

próprias”. Este tipo de processos possui um único participante: o Comportante, aquele que apresenta algum comportamento.

Na análise serão considerados todos os elementos do Sistema de Transitividade: processos<sup>9</sup>, participantes e circunstâncias, aliado à categoria de Inclusão da Teoria de Representação dos Atores Sociais. Na próxima subseção, discorro sobre a referida teoria, proposta Theo van Leeuwen (2008).

## 2 A teoria de Representação dos Atores Sociais

Na análise serão considerados todos os elementos do Sistema de Transitividade: processos, participantes e circunstâncias, aliado à categoria de Inclusão da Teoria de Representação dos Atores Sociais. Na próxima subseção, discorro sobre a referida teoria, proposta Theo van Leeuwen (2008).

Apoiando-se nesta abordagem funcional da linguagem verbal de viés hallidayano – que, como visto, dá conta da habilidade viabilizada pela língua para representar o mundo experiencial cotidiano –, van Leeuwen (2008) propôs a Teoria de Representação dos Atores Sociais a fim de possibilitar a elucidação de como as representações linguísticas includentes ou excludentes de atores sociais ajudam a sustentar relações de poder dentro de uma determinada prática social. Com esse caráter ideológico, conforme a intenção do falante, as representações auxiliam na construção e na desconstrução dos “papéis sociais entre os participantes” (PEDRO, 1997, p. 35).

No texto *Representing Social Actors*, van Leeuwen (2008, p. 23) adota o termo ‘atores sociais’ para referir-se, dentro de um discurso, aos usuários da língua, ou seja, “os participantes dentro das práticas sociais”. O autor justifica a importância de levar em conta os aspectos sociais antes de analisar linguisticamente o modo como os participantes ou atores sociais estão apresentados no discurso, pois, para ele, “não existe um padrão limpo entre categorias sociológicas e linguísticas” e, principalmente “o significado não está na língua, mas na cultura” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 24). Assim, há possibilidades, na língua, de representar-se intencionalmente o papel dos atores sociais de modo impessoal ou não, dependendo do propósito do falante e da sua visão de mundo em um determinado contexto situacional.

---

<sup>9</sup> Utilizo a metáfora das cores de Halliday (1994) na categorização dos processos nas entrevistas e nos exemplos na seção de análise do *corpus*, a fim de didatizar a compreensão da análise que foi apresentada às participantes depois de concluída. Desta forma, opto por manter tais ilustrações.



Van Leeuwen (2008, p. 23) sistematiza a representação dos atores sociais através de um inventário de categorias sociossemânticas, já que estas ultrapassam o linguístico ao considerarem as representações dos participantes das práticas sociais em textos em uso. As categorias se articulam para demonstrar a inclusão ou exclusão dos sujeitos, com cada uma tendo suas possibilidades de realizações léxico-gramaticais. Dessa forma, podemos dizer que a Teoria de Representação dos Atores Sociais é uma proposta linguística de base semântico-discursiva com o fim de desvelar como vozes textuais representam os papéis dos participantes (atores) nas práticas sociais representadas no texto através da análise dos grupos nominais.

Tal sistematização desse grupo de elementos linguístico-discursivos se dá a partir de dois recursos/categorias principais de representação e de outros secundários. Os centrais são chamados de Exclusão e de Inclusão. Estes dois tipos de representação correspondem ao modo como os atores sociais se situam linguisticamente no âmbito da ordem da oração dentro no contexto oracional e os papéis que eles exercem nele. Ademais, as representações por Inclusão e Exclusão são capazes de manipular a favor dos interesses do falante. Isso é confirmado quando van Leeuwen (2008, p. 28) diz que “as representações incluem ou excluem atores sociais que se adequam aos seus [do falante] interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se destinam”.

A Exclusão<sup>10</sup> acontece quando os atores sociais são apagados a partir das intenções da voz textual. Por conta dessa intencionalidade, van Leeuwen (2008, p. 30) ressalta a importância desse tipo de representação nos estudos críticos da linguagem, uma vez que o apagamento de atores sociais em determinado contexto serve ao “interesse e propósitos em relação aos leitores a quem se dirige”, o que ajuda a perpetuar relações de poder através das representações desses sujeitos no discurso.

Na representação por Inclusão, os atores sociais estão presentes linguisticamente no discurso e, em consequência disso, assumem diversos papéis. No discurso, tais representações podem se manifestar léxico-gramaticalmente em uma distribuição diferente que não reflete a prática social. Sobre isso, van Leeuwen (2008, p. 186) afirma que “não é necessário que haja congruência entre o papel que os atores sociais desempenham, de fato, em práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos no discurso [os constituintes ‘participantes’ na

---

<sup>10</sup> Por motivo teórico-metodológico, utilizo nesta pesquisa apenas a categoria de Inclusão, uma vez que o mecanismo da Exclusão só poderá ser mais bem utilizado na análise em uma comparação crítica de diferentes representações da mesma prática social, que não é o caso desta pesquisa que tem como objetivo analisar a representação de mulheres trans sobre a transexualidade feminina em Fortaleza – Ceará na voz das próprias mulheres trans (VAN LEEUWEN, 2008; MELO, 2013; SILVA JÚNIOR, 2019).

transitividade]". Tal falta de correspondência possibilita que o ator social assumira diferentes funções na estrutura de transitividade, ou seja, ele pode ser o participante principal/agente ou não. Essa possibilidade depende da intenção do produtor do texto; isto quer dizer que, o falante/escritor pode representar o ator com mais ou com menos participação em um determinado evento através das suas escolhas léxico-gramaticais.

Esta forma de representação dos atores sociais, a Inclusão, pode ocorrer de diversas formas. Na seção de análise, discorro apenas das formas/categorias e subcategorias que foram mais recorrentes no corpus desta pesquisa: por distribuição de papéis (Ativação ou Passivação); assimilação por coletivização; categorização por individualização e por identificação relacional e física; e diferenciação. Além disso, vale salientar que o inventário da TRAS foi teorizado para a língua inglesa. Dessa forma, idiosincrasias da Língua Portuguesa – como as formas elípticas dos pronomes/sujeitos ou de alguns grupos nominais que acontecem por conta de a desinência número-pessoal indicar a pessoa a que o grupo verbal se refere – não aparecem no escopo teórico-metodológico de van Leeuwen (2008). Além disso, trabalhos como o de Silva Júnior (2019) demonstram que a TRAS pode ser aplicada para o estudo de representação de atores sociais em primeira pessoa, como também é o caso desta pesquisa.

Na seção seguinte, apresento os aspectos metodológicos quanto ao corpus e aos procedimentos de análise.

### **3 Procedimentos metodológicos**

Antes de categorizar os procedimentos teórico-metodológicos desta pesquisa, vale ressaltar que devido à pandemia da *covid-19*, que foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020, resolvi utilizar a etnografia de forma online como um método para geração e coleta de dados (ANDROUTSOPOULOS, 2008), e não como uma epistemologia para o estudo das representações linguísticas das mulheres trans no contexto cearense.

Desta forma, esta é uma pesquisa de natureza qualitativa-interpretativa que se apropria de ferramentas oriundas da etnografia para geração e coleta de dados. Estes dados foram analisados do ponto de vista teórico-metodológico da interface entre aportes da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e da Teoria de Representação dos Atores Sociais (TRAS) (VAN LEEUWEN, 2008).

Como ferramenta para interação com as participantes, utilizei o *WhatsApp* para interações mais rápidas e objetivas como enviar links de questionários da pesquisa ou do Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido (doravante TCLE), marcar as entrevistas etc; o *Google Docs*<sup>11</sup>: ferramenta do *Google* que faz parte de um pacote de outras ferramentas<sup>12</sup> para disponibilizar o TCLE às participantes para impressão no papel; o *Google Forms*<sup>13</sup>: ferramenta do *Google* que faz parte de um pacote de outras ferramentas e serve como editor de formulários para criar e compartilhar com as participantes o questionário de sondagem de perfil e o TCLE online; o *Google Meet*<sup>14</sup> que é uma ferramenta/um serviço do *Google* que possibilita videochamadas online em grupo, utilizei esta ferramenta para as entrevistas semiestruturadas.

Afirmo que esta investigação não representa uma etnografia online completa, um estudo aprofundado e de longo prazo sobre e com o grupo de participantes. Adoto uma perspectiva etnográfica crítica pela minha preocupação engajada com o grupo social participante e utilizo ferramentas online e métodos etnográficos. Assim como Androutsopoulos (2008), reconheço que meu uso da etnografia poderia ser aprimorado e que a etnografia online aqui é, de certa forma, parcial e não completamente purista. No entanto, este método se adequou às condições sanitárias e de isolamento social que passamos em 2020.

### 3.1 Contexto e participantes da pesquisa

Vale ressaltar que acompanhei um único e mesmo grupo: seis mulheres trans atletas de uma equipe de voleibol chamada *Super Girls*.

A primeira participante entrevistada foi Ting Zhu<sup>15</sup>. Esta participante tem mais de 40 anos, se autodeclara como mulher transexual. A segunda participante entrevistada foi Maria Júlia. Ela tem entre 18 e 40 anos, pratica voleibol desde a infância, cursa bacharelado em universidade pública. A terceira participante entrevistada foi Pâmella. Ela também tem entre 18 e 40 anos, pratica voleibol há muito tempo. A quarta participante entrevistada foi Sol. Sol é uma das participantes que possui a menor idade do grupo e participava da rotina da

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/docs/about/> Acessado em: 05 ago. 2020.

<sup>12</sup> As quatro ferramentas gratuitas deste pacote são: Google Docs (Documentos Google), Google Sheets (Planilhas Google), Google Forms (Formulários Google), Google Slides (Apresentações Google). Disponíveis em: <https://www.google.com/> Acessado em: 05 ago. 2020.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/docs/about/> Acessado em: 05 ago. 2020.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://gsuite.google.com.br/intl/pt-BR/products/meet/> Acessado em: 05 ago. 2020.

<sup>15</sup> Ting Zhu é um codinome. Esta participante não autorizou o uso do seu nome para escrita do texto desta pesquisa. Em conversa via *WhatsApp*, ela pediu para ser chamada de Ting Zhu, jogadora profissional da China e campeã olímpica, sua inspiração no voleibol. No entanto, as outras cinco participantes autorizaram o uso de seus nomes durante a entrevista. Dessa forma, eticamente, a exposição dos nomes reais das participantes dessa pesquisa se ancora com o art. 369 do Código de Processo Civil (BRASIL, 2015) que afirma que as narrativas orais podem servir como provas legítimas de autorização. Portanto, tal exposição não afronta a lei e nem os valores morais/jurídicos/sociais das participantes.

equipe/grupo de voleibol participante dessa pesquisa. A quinta participante entrevistada foi Ludmilla. Ela é a líder do grupo, organiza treinos, procura espaços para treinos e articula o grupo todo. Ela tem mais de 40 anos, orgulha-se muito do seu projeto, o *Super Girls*. A sexta participante entrevistada foi Lorna, ela tem entre 18 e 40 anos. Todas estavam participando ativamente da rotina do grupo/time antes da pandemia de *covid-19*.

As entrevistas semiestruturadas tiveram dois temas principais: a experiência das participantes com a sua transexualidade e a experiência das participantes com o voleibol. A partir destes temas principais, dividi a entrevista em três tópicos principais: experiência da participante com a transexualidade; a experiência com voleibol; e o ‘ser uma mulher trans’ no voleibol cearense. Para fins de análise, neste artigo, apresentarei somente o primeiro tema.

Por fim, vale ressaltar que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UECE devido à exigência da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada sob o parecer de número 3.945.636.

### **3.2 Corpus e procedimentos de coleta e geração dos dados**

Para investigar como mulheres trans representam a transexualidade no contexto cearense, utilizei, para fins de análise, o material discursivo proveniente da geração de dados através de entrevistas semiestruturadas online que foram realizadas e gravadas através do *Google Meet*<sup>16</sup>. Optei pelas entrevistas semiestruturadas, pois as participantes preferiram entrevistas individuais por conta das suas rotinas individuais. Em outras palavras, seria quase impossível organizar um grupo focal ou qualquer outra ferramenta de entrevista coletiva, porque cada uma possuía rotina diferente da outra em período pandêmico.

As entrevistas foram orientadas pelo tema geral ‘transexualidade’ feminina no voleibol em Fortaleza – Ceará’. Isto possibilitou mapear diferentes dimensões deste objeto de pesquisa particular, por conta do tema geral complementado por outras questões peculiares às circunstâncias momentâneas do contexto desportivo. No entanto, neste artigo, opto por apresentar somente um tópico da entrevista: o que é ser uma mulher trans.

Após a transcrição das entrevistas, tomei como corpus desta pesquisa o conjunto de trechos de textos, produzidos na entrevista, em que o objeto de representação (a transexualidade feminina) fosse mencionado. Em outras palavras, não foram consideradas na análise as

---

<sup>16</sup> A participante Ting Zhu pediu para que sua entrevista fosse gravada via *WhatsApp*. Desta forma, especialmente na entrevista desta participante, utilizei para gravação o meu próprio aparelho de celular.

interações iniciais e finais como cumprimentos e despedidas da entrevista, assim como nenhum marcador idiossincrático da fala (né? / entendeu? / E aí... / é...) tendo em vista que estes são características da língua falada.

### 3.3 Procedimentos e categorias de análise dos dados

Após a transcrição das conversas das entrevistas semiestruturadas, o primeiro passo metodológico foi segmentar os textos em complexos oracionais e estes em orações, por ser esta a unidade de processamento da léxico-gramática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Para isso, adotei o critério semântico-gramatical dentro de uma perspectiva sistêmico-funcionalista adotado por Praxedes Filho (2007, p. 109):

Quanto às narrativas faladas, o critério de segmentação foi semântico-gramatical. Orações isoladas – não interligadas a outras semanticamente ou por meio de conectivos – foram categorizadas como períodos simples. Conjuntos de orações interligadas por conectivos foram categorizadas como períodos compostos, com suas fronteiras tendo sido demarcadas pela ausência de conectivos nas extremidades do conjunto. Contudo, quando duas ou mais orações assindéticas em sequência estavam claramente em relação de expansão/elaboração umas com as outras, elas foram consideradas como integrantes de algum período composto, seguindo-se, assim, a orientação de Halliday (1994:239-240). Para se chegar, enfim, aos períodos compostos nas narrativas faladas, as seguintes etapas foram seguidas: 1- Identificação de um conjunto de orações próximas que estivessem em relação de modificação formal (hipotaxe); 2- Identificação, dentro desse conjunto, da oração modificada ou independente; 3- Identificação, dentro do mesmo conjunto, das orações modificadoras ou dependentes; 4- Verificação se havia, dentro do conjunto, orações em relação de modificação apenas semântica entre si ou com a oração independente ou com uma das dependentes identificadas em 2 e 3 (parataxe); 5- Identificação das relações lógico-semânticas de expansão e projeção entre todas as orações do conjunto, chegando-se, dessa forma, a um período composto.

A partir disso, a demarcação dos limites entre períodos e, dentro deles, entre orações, seguiu os marcadores/símbolos de Halliday e Matthiessen (2014). Desta forma, os limites dos períodos foram demarcados por três linhas perpendiculares (||| . . . |||), as orações, por duas (|| . . ||), as orações subordinadas por colchetes ([...]) e as orações intercaladas por parênteses angulares duplos (<< . . >>).

Concluída esta etapa, como segundo procedimento, os períodos e orações foram analisados por meio das categorias da léxico-gramática de transitividade, que são os elementos da figura representada (processo, participantes e circunstâncias). Para facilitar a apresentação da análise, utilizei a sugestão de Halliday (1994), que atribuiu cores aos processos. Para os processos primários, ele atribuiu cores primárias – vermelho (processos materiais), azul (processos mentais) e amarelo (processos relacionais); para os processos secundários, cores

secundárias – laranja (processos existenciais), lilás (processos comportamentais) e verde (processos verbais)<sup>17</sup>.

Estes procedimentos deram acesso à realização linguístico-gramatical da representação da transexualidade na voz de mulheres transexuais no contexto cearense a partir das categorias de transitividade.

Para classificar os mecanismos de inclusão dos atores sociais em grupos nominais, o quinto procedimento foi tratar a partir do inventário sociossemântico de Theo van Leeuwen (2008) na busca de padrões e ocorrências significativas quanto à representação semântico-discursiva de como os grupos nominais foram utilizados pelas participantes. Para isso, foi necessário, revisar a partir das categorias relativas à Inclusão e até o nível mais detalhado. Esta etapa teve por finalidade interpretar as implicações de sentido a partir dos grupos nominais escolhidos pelas participantes para representar seus papéis sociais dentro do contexto pesquisado.

#### **4 Representações linguísticas da transexualidade na voz das mulheres trans cearenses**

No âmbito deste artigo, gênero é entendido como conceito e categoria oriunda das práticas sociais e construída linguístico-discursivamente na sociedade e na cultura que potencialmente pode ditar normas regulatórias e perpetuar assimetrias de poder e, dessa forma, como um mecanismo para colocar à margem qualquer ‘gênero’ ou identidade de gênero que perturbe essa ordem. De acordo com Vieira (2019), a Linguística (e a Linguística Aplicada) dá grandes contribuições ao debate sobre gênero e linguagem e assume um compromisso acadêmico, político e social a respeito dessas discussões. Alinhando-me a essas contribuições e ao entendimento que gênero é construído sociodiscursivamente, analiso aqui as escolhas léxico-gramaticais de mulheres trans atletas sobre o gênero no contexto desportivo e em outros contextos diversos – que ainda está atrelado de forma natural ao sexo biológico – e os discursos que o permeiam sustentam formas de preconceito e opressões (VIEIRA, 2019).

Dessa forma, quando perguntadas sobre como se deu seu processo de transexualidade, constata-se a presença representativa de atores sociais dos seus núcleos familiares, de pessoas que as conheceram desde a infância, de outras pessoas LGBTQ+ e de pessoas que as conheceram durante o processo de experiência transexual (BENTO, 2008; 2006).

---

<sup>17</sup> Na seção de análise, destaco os processos existenciais com o realce cinza.

Ao se referirem a tal experiência, percebe-se que, nas falas das mulheres trans cearenses que participaram desta pesquisa, há uma proeminência de processos mentais. Isto quer dizer que elas associam sua experiência com a transexualidade a processos que se referem à experiência do mundo da sua consciência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). As participantes, quando usam estes processos, se representam como grupo social que ‘sente’, ‘se descobre’, ‘se esconde’, ‘sonha’, ‘quer ter’ (no sentido de desejar algo), ‘se impõem’, ‘se identificam’, ‘não se encaixam’, ‘não se encontram’, ‘se incomodam’, dentre outros. Na maioria das ocorrências, para descrever, através dos processos mentais, seus desejos, percepções e suas afeições no que diz respeito a sua transexualidade, as participantes ocupam nas orações mentais a função léxico-gramatical de participante Experienciador. Vejamos os seguintes exemplos que foram ilustrados a partir da metáfora das cores de Halliday (1994):

(A) **Ting Zhu:** || Então **a gente**<sup>18</sup> já se **descobre** *uma mulher trans*, entendeu? (...)

(B) **Marju:** Desde de criancinha, com uns oito 9 anos de idade, **eu** já me **sentia** *meio diferente dos meus amigos*, principalmente dos amigos meninos, || né? (...) **eu** não **gostava** *das mesmas coisas que meus amigos*. || **Eu** **gostava** *mais de meninos*. **Eu** **gostava** *de brincar mais com as meninas*. (...) E aí sempre **[eu]**<sup>19</sup> me **acher** *bem estranha e diferente das outras pessoas*. || Só que me perturbava muito o fato de ela [uma mulher trans que a participante Marju viu durante a infância] trabalhar na rua, né? (...) E **eu** não **queria** *aquilo para mim [trabalhar como garota de programa]*, || porque **eu** sempre **sonhei** *mesmo em ser atleta* || (...) E aí **eu** não **via** *uma travesti atleta ou sei lá*. || (...) **Eu** não **queria** *isso pra mim [trabalhar como garota de programa]*. || (...) **eu** **queria** *me sentir livre*. || **Eu** **queria** *me descobrir fora da minha família*, né? (...) **eu** **queria** *ter esse porto seguro pelo menos na minha família*, || (...) porque **eu** já **sabia** || *como ia ser fora de casa*, || entende? Hoje **[eu]** já não me **sinto** *mais uma pessoa fraca na minha família*, || entende?

(C) **Pâmella:** (...) **eu** sempre me **considere** *uma mulher trans* (...)

(D) **Sol:** E aí, **eu** primeiro me **descobri** *como um garoto gay*. || Depois **[eu]** me **identifiquei** *como uma pessoa não-binária*. || Depois **[eu]** me **identifiquei** *como mulher trans*. (...) ou **eu** me **sentia** *deslocada* quando se falava sobre gênero. || E aí, **eu** não me **sentia** *eu mesma* (...)

(E) **Ludmila:** (...) na verdade **a gente** **reluta** *muito [no que realmente é]*. || **A maioria das meninas** **reluta** *muito no que realmente é*, né? (...) Aí **eu** **senti** *a necessidade* || de **estar montada** de **ser** *eu 24 horas*, Ludmilla, || Então, **eu** **comecei** a **entender** *[o que eu realmente era]*(...)

<sup>18</sup> Os grupos nominais com função de Experienciador, Ator, Portador, Identificado e Comportante estão em negrito. Por outro lado, os grupos nominais com função de Fenômeno, Meta/Esopo, Atributo/Identificador, Verbiagem/Alvo e Existente estão em itálico.

<sup>19</sup> Destaco as ocorrências elípticas em negrito na cor vermelha.

(F) **Lorna:** Desde menino, desde muito pequeno, **eu** já me **identificava** como menina. || **Eu** já me **via** como menina, || né? || (...) **eu** realmente **me sentia** uma menina literalmente, || né? || (...) Desde pequena, já **[eu]** **me identificava** como menina, || **[eu]** nunca me **me** como menino.

Na maioria destes exemplos, quando assumem a função de Experienciador, elas se autorrepresentam por assimilação, por individualização<sup>20</sup> por pronominalização<sup>21</sup> e por classificação<sup>22</sup>, atribuindo a si mesmas ora papéis ativos e ora papéis passivos.

Estes papéis ativos se dão “quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas dentro de uma atividade” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 187), isto é, os atores sociais participam ativamente como participantes que são agentes do processo. Por outro lado, os papéis passivos ocorrem quando os participantes são representados recebendo alguma atividade ou se sujeitando a algo, tornando-se um sujeito da passividade ou um beneficiado com a passividade.

A assimilação ocorre nas orações mentais quando elas utilizam grupos nominais que as representam de forma agrupada – ‘a gente’. Através da assimilação, de certa forma, as mulheres trans entrevistadas se individualizam ao se designarem pelo grupo nominal ‘a gente’ para representar parte (mulheres trans) de um grupo social maior (mulheres no geral). Assim, ao representarem a si mesmas por assimilação e ao ocupar a função léxico-gramatical de Experienciador, elas atestam que as mulheres trans experienciam uma identidade de forma diferente de outras mulheres não-transgêneras. Em outras palavras, elas sentem, descobrem e vivenciam ‘a transexualidade’, que na maioria destas ocorrências aparece com função de Fenômeno (o que é experienciado de modo diferente em relação às mulheres cisgêneras).

A individualização por pronominalização ocorre quando utilizam o ‘eu’. Na maioria das ocorrências, o ‘eu’ é realizado por distribuição de papel ativo, ou seja, assumem a função léxico-gramatical de Experienciador, agente dos processos mentais. Quando a participante Sol diz “E

---

<sup>20</sup> Vale ressaltar que assimilação e individualização são sub-categorias da Categorização. De acordo com van Leeuwen (2008), a Categorização se dá quando atores sociais se autorrepresentam ou são representados em termos de identidades e funções que compartilham com outros.

<sup>21</sup> Dentro do escopo teórico-analítico de van Leeuwen (2008) não há menção a este tipo de categoria analítica ou a nenhuma forma de representação de atores sociais por co-referenciação ou pronominalização em primeira pessoa do singular. Por isso, nesta pesquisa, por se tratar de entrevistas que as participantes utilizam a primeira pessoa do singular ou do plural de forma elíptica ou não para se referir a si mesmas, chamo esta forma de autorrepresentação de ‘individualização por pronominalização’ que se refere às ocorrências de dos pronomes ‘eu’ e ‘nós’ de forma elíptica ou não no *corpus*.

<sup>22</sup> Neste tópico da entrevista, estas formas de autorrepresentação foram recorrentes. Pode-se dizer que isso aconteceu, pois as participantes da entrevista narram experiências individuais.



aí, **eu** primeiro me **descobri** *como um garoto gay*. || Depois **[eu]** me **identifiquei** *como uma pessoa não-binária*. || Depois **[eu]** me **identifiquei** *como mulher trans (...)*”, percebe-se que Sol assume o papel ativo no sentido de ‘se descobrir’ uma pessoa trans e de ‘se identificar’ como uma, ou seja, neste caso, Sol protagoniza a agência das orações mentais. A individualização por pronominalização também realiza papéis apassivados das participantes, ou seja, quando elas sofrem com a força do processo mental. Um exemplo disto ocorre quando a participante Marju diz: “E aí sempre **[eu]** me **achei** *bem estranha e diferente das outras pessoas*”. Neste enunciado mental, Marju exerce função de Experienciadora (**eu**) e Fenômeno (*me*) do processo mental ‘achei’, sendo objeto da opinião de ‘achar-se estranha e diferente’ das outras pessoas, ou seja, submetendo-se a impressões de valor negativo.

Quando se representam por classificação, isto é, quando utilizam os grupos nominais ‘mulheres transexuais’, ‘travestis’, ‘meninas’, as participantes se classificam a partir da sua identidade de gênero (exemplos C e D), o que é experienciado mentalmente por elas, visto que esses grupos nominais exercem a função de Fenômeno. Assim, essas escolhas léxico-gramaticais expressam uma forma de autorrepresentação em que elas tendem a mostrar sua identidade transexual como uma representação personificada ao destacar como ‘se sentem’/ ‘se entendem’ em detrimento de outras identidades que elas possuem (trabalhadora, atleta, filha, etc.) e tendem também a apresentar essa identidade como algo que está em mutação, ou seja, em um “processo transexual” (BUTLER, 2003; BENTO; 2008).

Ainda sobre os Fenômenos, os grupos nominais que os realizam – ‘mulher trans’, ‘travesti’, ‘travesti atleta’, ‘menina’, ‘meio diferente dos meus amigos’, ‘como um garoto gay’, ‘bem estranha’, ‘necessidade’, ‘fases’ –, mostram através de que e como o grupo participante da pesquisa se percebe. Os Fenômenos ‘mulher trans’, ‘travesti’, ‘travesti atleta’ e ‘menina’ mostram que, por meio da representação por classificação, as mulheres trans atletas cearenses destacam uma identidade feminina; por meio dos Fenômenos ‘bem estranha’ e ‘como um garoto gay’, que constroem a representação por identificação física que é quando as atrizes sociais neste contexto se autorrepresentam a partir de características que possuem (ou não) em determinado contexto, mostram que elas já se sentiram estranhas e que antes de se autoidentificarem como mulheres trans elas se autoidentificavam como garotos gays. Assim, as orações mentais mostram como as mulheres trans atletas se percebem e o que elas desejam (ou não) no que tange a sua transexualidade, assim como suas emoções (ou não) através de outros elementos lexicais como o marcador negativo ‘não’. Exemplo: ‘não me *via* como um garoto gay’.

Os processos relacionais foram os segundos no que diz respeito ao número de ocorrências na representação linguística das participantes da pesquisa sobre sua transexualidade. Nas entrevistas, assim como em qualquer texto/discurso, os processos relacionais mostram linguisticamente como as participantes caracterizam ou classificam sua transexualidade e, conseqüentemente, a si mesmas e seu papel social. Assim como nas orações mentais, as mulheres transexuais e sua transexualidade ocuparam, na maioria das orações relacionais, a função de participantes principais: Portador e Identificado. Os exemplos a seguir ilustram:

(A) **Ting Zhu:** (...) || **Minha experiência como mulher trans foi assim um pouco difícil** ||, entendeu? (...) || Mas **a gente tem** ainda *um pouco de tabu* || pra **ser quebrado**.

(B) **Marju:** **Meu processo foi bem lento e demorado.** || [Eu] Não **pude ter acesso** à *informação* || (...) desde criança, **eu era afeminada**, || que **aquele meu jeito era mais parecido com o deles**, || já que **eu não tive** quando *criança uma pessoa trans como exemplo dentro de casa*, || assim como **eu tinha meus primos gays e minhas primas lésbicas**, enfim. (...) e **foi um período de turbulência**, || sabe? || **Eu tive muito apoio familiar** (...) || **Hoje tá bem mais tranquilo**.

(C) **Pâmella:** (...) **eu tinha uma certa restrição por conta da minha mãe**, || (...) **mas minha família ao todo é tranquilo**, || **todo mundo é de boa**. ||

(D) **Sol:** **É algo muito recente para mim**. || (...) **é isso que eu sou**. || (...) **eu não tinha informação devida**.

(E) **Ludmilla:** **O meu processo foi muito tardio**. || (...) **Eu não tinha nenhum acompanhamento médico**, || né? || (...) "Ah, **hormônio tal é bom**..." || **O meu processo foi muito complicado**, || porque **eu sempre fui uma pessoa muito tímida**. || **Eu nunca fui de muitas amizades**. || **Eu era uma pessoa muito recatada, muito na minha casa**. || (...) **eu não tinha amigos gays** || e **eu não tinha amigas travestis**. || (...) **eu não era simplesmente gay**, (...) || (...) **eu não sou gay**, || [Eu] **sou uma transexual**. (...) || [Eu] **Sou uma mulher trans**. || **Eu sou uma travesti**.

(F) **Lorna:** || **Eu era muito assim com meu órgão genital**, || entendeu? || **Eu tinha muita vergonha** (...) || (...) **meu o obstáculo maior seria minha família** || que no caso **seria meu pai, minha mãe e meus familiares**. || Porém, depois que **eu já estava na transição**, || [**O meu processo de transição**] **foi mais aceito tanto para minha família do meu pai e da minha mãe**.

Todas as participantes na sua própria voz constroem linguisticamente suas vivências e experiências com a transexualidade. Ao se incluírem por individualização – que é realizada linguisticamente pela pronominalização ‘eu’ –, cada uma das mulheres *trans* traça léxico-gramaticalmente um perfil individual e um perfil coletivo através dos enunciados relacionais.

Nos processos relacionais ‘ser’ e ‘ter’, elas assumem o papel de participante Portador dos Atributos de valor negativo<sup>23</sup> para suas vivências como: ‘ainda um pouco de tabu pra ser quebrado’, (não pude ter) ‘acesso à informação’, (não tive) ‘quando criança uma pessoa trans como exemplo dentro de casa’, ‘período de turbulência’, ‘muita vergonha (do órgão genital)’, (não tinha) ‘nenhum acompanhamento médico’. Nestas orações, por conta dos Atributos de valor negativo, as participantes são representadas por inclusão e por passivação, ou seja, são receptoras das características que lhes são atribuídas via processos relacionais. Ainda são representadas através da categorização por funcionalização (mesmo que ainda de forma passiva), através do Atributo ‘garota de programa’. Assim como são representadas por identificação física, quando os atores sociais são nominalizados através de comportamentos ou características de personalidade pelo Atributo ‘afeminada’[7], ‘uma pessoa recatada’, (não era) ‘de muitas amizadas’.

Por outro lado, as mulheres trans assumem papéis ativos quando se representam por individualização por pronominalização e por diferenciação (quando as participantes se diferenciam de outro grupo através da dicotomização ‘eu vs. eles’). Essa diferenciação se dá via processos relacionais, por exemplo, quando Marju representa a diferença que existia entre ela e seus primos gays e suas primas lésbicas, ou seja, enquanto ‘eu’ – Marju / (‘mulher trans’) *sou assim/tinha comportamentos* tais, ‘eles’ não eram como Marju ou tinham comportamentos iguais aos de Marju. Outra realização de papel ativo se dá quando há individualização através do pronome ‘eu’ e quando os Atributos são ‘mulher trans’, ‘travesti’.

Ainda nos enunciados relacionais, as mulheres trans atletas representam o seu processo de hormonização e de identificação como pessoa trans através dos Atributos ‘tardio’, (não teve) ‘acompanhamento médico’ e ‘algo muito recente’. Isto demonstra que, para elas, a hormonização é algo que está em mutação e que suas identidades sociais não são fixas (MOITA LOPES, 2006), já que os Atributos ‘tardio’ / ‘algo muito recente’ mostra que, antes de se identificarem como mulheres trans, elas experienciaram outras identidades. Além disso, suas famílias em algumas ocorrências aparecem como atores sociais importantes para seu processo de transexualidade (BENTO, 2006). No nível da léxico-gramática, isso se realiza através dos Atributos ‘mais aceito tanto para minha família do meu pai e da minha mãe’, ‘muito apoio familiar’, ‘de boa’ e ‘tranquilo’.

---

<sup>23</sup> Mesmo quando os Atributos não são propriamente negativos, eles se tornam em decorrência de que os processos estão na polaridade negativa.

Ainda quando perguntadas sobre sua transexualidade, os processos que ocorreram em terceiro lugar em termos quantitativos foram os materiais (as orações materiais são definidas como orações de “fazer/acontecer” (FUZER; CABRAL, 2014). Quando escolheram processos materiais, as participantes se autorrepresentam de forma ativa ou passiva, através da individualização por pronominalização ou da classificação, assim como aconteceu nas orações mentais e relacionais. Dessa forma, elas assumem, na maioria das orações materiais, a função de Ator. Vejamos alguns exemplos:

(A) **Ting Zhu:** Em termos de preconceito, **muita gente** ultimamente já não **aponta** mais||. Antigamente, || **a gente ia** *ao centro* || e (...) **[as pessoas]** **ficavam apontando**||. Hoje em dia **[as pessoas ficarem apontando]** ainda **acontece** ||, mas **[as pessoas ficarem apontando]** **[acontece]** muito pouco||. (...) **A gente** já **nasce** *uma mulher trans*||, entendeu?

(B) **Marju:** (...) **Ela** **tava fazendo** *programa*. || **Aí muita gente** **ficava frescando** *com ela*, || (...) que **ela** não **inha nascido** *mulher com uma vagina* e tal, essas coisas. || (...) **minha família** sempre **me levou** *muito para o esporte*, meus pais principalmente. || **[as pessoas da rua e da família]** que não **me tratam** *certo*.

(E) **Ludmilla:** (...) **a maioria das meninas** **começam** *o processo* muito cedo com dezoito. || **O meu [processo de hormonização]** **começou** *nessa faixa etária* através das amigas minhas|| que **[amigas minhas]** já **faziam** *esse processo*, || **[amigas minhas]** já se **hormonizavam**. || (...) e **aí eu** **fui tomando** **[hormônios]** sem acompanhamento nenhum, || né? ||Porque **eu ia** *para a balada*, || **me vestia** *de mulher*, || né? || **Se montava** ||

(F) **Lorna:** (...) **[Meninos]** **virarem** *mulheres trans* || (...) **eu** **vou conseguir** **[virar mulher]**".

As mulheres trans atletas se autorepresentam, ativamente ou passivamente, a partir da individualização ‘eu’ e da classificação ‘trans’. A classificação ‘trans’ cria um modo de significar linguisticamente uma identidade em detrimento das suas outras no fluxo dos eventos que elas descrevem. Quando aparecem com papéis ativos na função de participante Ator, elas realizam linguisticamente suas experiências do mundo material através de grupos verbais como ‘nascer’, ‘virar’, ‘vou conseguir’, tendo como Meta ‘mulher’. Isto quer dizer que o processo de ‘tornar-se mulher’ também se dava no corpo, nos eventos e no desenrolar do processo material. Isso demonstra também que há, nestas orações materiais, um desdobramento, uma mudança de características, um resultado diferente da fase inicial do processo (FUZER; CABRAL, 2014).

As participantes da pesquisa também representaram via processos materiais o acontecimento da mudança corporal quando falaram novamente sobre sua hormonização. Para tanto, elas utilizam linguisticamente a classificação por meio do grupo nominal ‘meninas (trans)’ e do grupo verbal ‘começar’, com o grupo nominal ‘o processo de hormonização’ funcionando como Ator e/ou Meta. Além disso, deixam claro que ‘a maioria das meninas’ (Ator) iniciam a hormonização ‘muito cedo’ (circunstância de tempo), ‘sem acompanhamento’ (circunstância de modo). Nestas ocorrências, elas desempenham um papel ativo do processo ‘começar’ e desempenham um papel passivo por sofrerem consequências relacionadas à falta de acompanhamento (circunstância de modo).

Além disso, ‘as pessoas’ aparecem como Ator dos processos ‘apontar’, ‘ficar frescando’, o que mostra que, além de acontecer no mundo das ideias (como evidenciam os processos mentais), o preconceito também acontece no dia a dia delas, ainda que a circunstância de modo ‘muito pouco’ evidencie que estes acontecimentos tenham diminuído. Vale ressaltar ainda que ‘programa’ como participante do processo ‘fazendo’ é Meta, o que evidencia que, nas experiências dessas mulheres trans, a prostituição ainda é notada como um acontecimento que está ligado às experiências materiais dessas pessoas.

Os processos verbais, existenciais e comportamentais aparecem de forma discreta nas respostas das participantes ao primeiro tópico. Os processos verbais são utilizados, na maioria das suas realizações, tendo como Dizente as próprias participantes. São utilizados também para projetar outras vozes, como as vozes de outras mulheres trans, dos familiares das participantes e de pessoas que as viam na rua. Dessa forma, os processos verbais narram diversas experiências do ‘dizer’ de outros atores sociais, atribuindo a eles um papel relevante nessas narrativas. O exemplo a seguir demonstra um relato de uma participante. O relato é uma “síntese de dizer de outrem a partir do entendimento da produtora do texto” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 75).

(B) **Marju:** (...) [Eles ficavam] chamando de traveco, num sei o quê...[Eles] Ficavam fazendo piada com os outros, || [Eles ficavam] dizendo quem pegava traveco.

Isto quer dizer que, nos processos verbais ‘chamar’, ‘ficar fazendo’ e ‘dizer’, a-mulher transexual Marju assume o papel de Alvo dessas forças verbais, ou seja, atua incluída-como participante passiva da força do processo verbal, sujeitando-se, segundo esse relato feito por ela, a ser chamada de ‘traveco’, que, por sua vez, atua como Meta do processo material

‘pegava’, ou seja, submetendo-se às atividades descritas via processos verbais. A Verbiagem ‘traveco’ e, além disso, as condições em que ocorrem estes processos são provas linguísticas de que a língua foi utilizada como ferramenta de disseminação de preconceitos durante o processo de transexualidade de Marju.

### **Considerações finais**

As participantes se autorepresentam como participantes ativas na luta contra o preconceito que, de acordo com os dados, não é tão latente no contexto cearense. As suas vivências e narrativas não são tão sofridas e cheias de exclusões, pode-se inferir que a razão para esta discrepância seja que estas conseguiram acesso às quadras para praticar esporte ou a outros contextos de forma menos dolorosa pelo apoio de familiares e amigos, ou pode-se atribuir essas vivências mais positivas ao fato do grupo participante ser um grupo pequeno, ou pode-se atribuir também às limitações da abordagem de coleta de dados (etnografia online e não presencial), que não possibilitou que elas falassem até perto do máximo do que tinham para falar.

A análise de transitividade evidenciou: i) a experiência transexual está relacionada na voz das participantes ao mundo do ‘sentir’ (processos mentais); a análise de inclusão indica que as participantes utilizaram, com maior frequência, assimilações e classificações para se autorrepresentarem como participantes ativas no contexto pesquisado. Isso indica que elas assumem o papel de liderança no que diz respeito a diversas situações.

Apesar de suas narrativas não serem tão violentas, os resultados indicam que o contexto de situação estudado evidencia a (re)produção de estigmas e de exclusão social, que são oriundas de práticas histórica e culturalmente situadas. No entanto, as representações de mulheres transexuais sobre a transexualidade feminina no contexto cearense refletem ainda outras representações mais amplas das identidades de mulheres trans como pessoas abjetas, fora da norma e que não possuem cidadania suficiente para ocuparem diversos espaços, como o espaço esportivo. No entanto, de forma preliminar, esta pesquisa indica que as participantes se veem como fora da norma, mas já aponta que os preconceitos e as exclusões foram em quantidade muito menor do que mostra a literatura sobre o objeto desta pesquisa (SILVA JÚNIOR, 2021).

### **Referências**

ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Potentials and limitations of discourse-centered online ethnography. *Language@Internet*, Londres, v. 5, n. 8, p. 29 -60, jan. 2008. Disponível em: <https://www.languageatinternet.org/articles/2008/1610>. Acessado em: 03. jul. 2020.

ANJOS, Luiza; GOELLNER, Silvana. Esporte e Transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: DORNELLES, Priscila. G.; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria. *Educação física e sexualidade: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017, cap. 3. p. 51 – 72.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: gênero e sexualidade na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BLOOR, Thomas; BLOOR, Meriel. *The functional analysis of English: a hallidayan approach*. London: Arnold, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CUNHA, Maria; SOUZA, Maria. *Transitividade e seus contextos em uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GRUPO GAY DA BAHIA. *MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL RELATÓRIO DO GRUPO GAY DA BAHIA, 2021*. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/02/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2022.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael. The notion of “context” in language education. In: GHADDESSY, Mohsen. *Text and Context in Functional Linguistics*. Amsterdã: Benjamins, 1999. cap. 1, p. 1 – 24.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Arnold, 2014.

HASAN, Ruqaiya; PERRET, Gillian. Learning to function with the other tongue: a systemic functional perspective on second language teaching. In.: ODLIN, Terence. (Org.). *Perspectives on pedagogical grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. cap. 10, p. 179-226.

HINE, Christine. Virtual Ethnography: Modes, Varieties, Affordances. In.: FIELDING, Nigel, *The SAGE Handbook of Online Research Methods*. SAGE Publications, Ltd., 2008. cap. 2, p. 257-270.

MAGALHÃES, Izabel. *Eu e tu*. A constituição do sujeito no discurso médico. Brasília: Thesaurus, 2000.

- MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André; RESENDE, Viviane. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora da Universidade De Brasília, 2017.
- MELO, Iran. *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo*. 2013. 385f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MOITA LOPES, Luiz. (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PEDRO, Emília. *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.
- PRAXEDES FILHO, Pedro. *A corpora-based study of the development of EFL Brazilian learners's interlanguage from simplification to complexification in the light of Systemic functional grammar*. 2007. 1307f. Tese (Doutorado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Programa de Pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- SILVA JÚNIOR, Antonio. As mulheres transexuais no contexto do ENEM: um enfoque a partir da Gramática Sistêmico-Funcional e da Teoria de Representação dos Atores Sociais. *Revista MEMENTO*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 1-21, jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/5411>. Acesso em: 5 de jul. 2019.
- SILVA JUNIOR, Antonio. *Representações linguístico-discursivas de mulheres trans sobre a transexualidade no voleibol em Fortaleza - Ceará*. 2021. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=105793>. Acesso em: 8 de jan. de 2022
- SUESS, Amets. Análisis del panorama discursivo alrededor de la despatologización trans: procesos de transformación de los marcos interpretativos en diferentes campos sociales. In: MISSÉ, Miquel; COLL-PLANAS, Gerrad. *El género desordenado: críticas en torno a la patologización de la transexualidad*. Barcelona - Madrid: EGALES, 2010. cap. 3, p. 29-54.
- TRANSGENDER EUROPE. *TMM Update Trans Day of Remembrance 2019*. (TvT) project website. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2019/>. Acesso em: 14 jul. 2020.
- VAN LEEUWEN, Théo. *Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.
- VIEIRA, Viviane. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. In: RESENDE, Viviane de Melo. (Org.). *Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso*. Campinas: Pontes, 2019. p. 83-116.

Recebido em 08 de agosto de 2022





*Aceito em 05 de setembro de 2022*